

Corpo em risco

The body at risk

Marina Guzzo

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
nguzzo@hotmail.com

Resumen

Este trabalho busca entender o risco no processo de construção do corpo como espetáculo. Focaliza mais especificamente a materialidade do risco no corpo do acrobata aéreo e sua produção de uma estética do risco no circo. Tem por objetivo entender os mecanismos de criação da ilusão do risco no espetáculo circense e suas funções no enquadre do risco-aventura na sociedade contemporânea. De modo a entender a ilusão assim criada, tomada como ingrediente fundamental da relação entre o público e circo, partimos do pressuposto que todo risco tem seu duplo nas estratégias de segurança. Ou seja, a busca da vertigem na modernidade tardia tem uma interface com uma diversidade de tecnologias de segurança: modalidades de seguros, estratégias de prevenção, equipamentos de segurança além de um treinamento exaustivo para aquisição da técnica precisa na execução dos movimentos. É a segurança que garante a eficácia da estética do risco. Desta forma, esta pesquisa se situa na confluência do risco como estética e sua materialização no corpo do acrobata. Utilizamos um acervo diversificado de informações: observação, diário de campo, registros fotográficos, pesquisa de imagens, entrevistas, documentos de domínio público. Os ensaios que compõem o texto buscam responder às perguntas: Onde está o risco nesses corpos e nesse espetáculo? Que usos são feitos dos riscos? Como foi possível que as sensibilidades em relação às práticas corporais de risco se transformassem tanto? O caminho percorrido se inicia pela contextualização da noção de risco, passa pela caracterização do espetáculo circense, segue pelos aspectos maquínicos e disciplinares do corpo acrobata para então chegar ao foco do estudo: o acrobata aéreo, corpo que cria a ilusão do risco e traz a imagem da superação dos limites, assim como nos fala das formas contemporâneas de subjetivação.

Palabras clave: corpo, risco, acrobata.

Abstract

This article looks at the notion of 'risk' in the construction of the body as a spectacle. Its specific focus is on the body of the aerial acrobat and the production of an aesthetic of risk in the circus. The aim of the article is to understand the ways in which the illusion of risk is created in the circus, and how this fits into the framework of adventure-risk in society at large. In understanding how risk is created, we shall see that every risk has its counterpart in strategies of safety. We shall see that modernity's quest for thrills is linked to its concern for means of ensuring safety, though technologies of prevention, insurance cover, and rigorous training programmes to ensure the technically perfect execution of skills. It is this concern for security which, paradoxically, makes an aesthetics of risk meaningful.

Our research examines the point at which the aesthetics of risk is embodied in the body of the acrobat. We use a variety of research methods, including observation, field diaries, photography, image-searches, interviews and documents in the public domain. The questions we address are the following: what are the bodily risks of acrobatic shows? How are such risks used? How is it that sensitivity to bodily practices has changed so much?

Our analytic path starts by contextualising the notion of risk, then proceeds to characterise the spectacle of the circus, and continues through an account of the technical aspects of acrobatic skill. We arrive ultimately at our end-point: the 'aerial acrobat', which, in embodying the illusion of risk and the transcendence of human limits, stands as an example of contemporary subjectivity

Keywords: Body, risk, acrobat

“é a capacidade de manutenção do equilíbrio durante uma atividade ou de recuperação do mesmo após uma atividade que o ameace” (Weineck, 1999)

“A fixidez é sempre momentânea”-**Otávio Paz**

Sobre a fixidez

Pensar o risco é geralmente pensar o movimento. Movimento caracterizado como ação de qualquer tipo, envolvendo escolhas que possam gerar conseqüências para o indivíduo que as faz. Essa idéia vem colada à busca desenfreada pelo novo trazida pelo modelo capitalista na modernidade tardia. O risco existe sob a pressão das circunstâncias, na luta pela vida, ambicionando uma maior duração de qualquer uma das fontes de prazer: do tempo, da adrenalina, da queda, da vertigem, do lucro. O maior sucesso está sempre colado ao maior risco: quanto maior a manobra, o movimento, maior o risco.

A vertigem que nos atrai para o perigo, para o nada, para a morte, para a novidade pressupõe um corpo que caminha, que se move. O movimento sugere o contrário da fixidez, que seria prontamente traduzida por aquilo que não muda. Não é necessariamente verdadeira essa oposição. A fixidez é sempre momentânea. “É um equilíbrio, ao mesmo tempo precário e perfeito” (Paz, 1988). Basta uma pequena mudança para que se desencadeie uma série de metamorfoses. Cada metamorfose, por sua vez é um momento de fixidez, no qual ocorre outra alteração no equilíbrio antes proposto. O risco também é uma alteração de equilíbrio. O risco sugere uma lacuna entre a fixidez do cotidiano e a possibilidade de transformação de uma situação, para melhor ou para pior. Existe sim a possibilidade da positividade do risco, um exemplo disso é o risco-aventura que será abordado posteriormente neste trabalho.

A alteração de equilíbrio também se faz presente na figura do acrobata. O equilíbrio é aparentemente a ferramenta necessária para manter-se no ar, para realizar a improvável ação. É, porém exatamente a falta de equilíbrio que o impulsiona a voar, a subir ou a ficar parado. Imaginemos um trapezista que queira manter-se em equilíbrio: ele não sairá do lugar. Ele permanecerá imóvel. Porém, quando sua condição de fixidez é quebrada por um mínimo gesto, todo seu equilíbrio é convocado para mantê-lo no ar e trazê-lo de volta ao aparelho, no próprio ar, com segurança. É, sobretudo, uma manobra de risco momentâneo.

É a metáfora do devir que se caracteriza no risco, na fixidez e no acrobata. Devir, tornar a ser aquilo que ainda não é, chegar a ser. Essas três condições sugerem a mudança de situação. Da condição da vida, do tempo e do corpo. As três situações se materializam no corpo do acrobata e em seus gestos controlados e precisos.



Fig. 1- Paul de Cordon, “Retour pirouette d’Enzo Cardonas”, 1973.

Do risco

Risco é um conceito nômade que orienta múltiplas práticas e recebe conteúdos diversos segundo os diferentes campos de saber que habita: a ciência política, a economia, a medicina, o direito, a engenharia, a ecologia e o corpo humano. Em sua face positiva, este conceito supõe que tenhamos roubado o futuro das mãos dos deuses, remetendo-nos ao planejamento e à possibilidade de aventurarmo-nos cultural e cientificamente, (Berstein, 1997) ou seja, com segurança e controle no uso de tecnologias bastante complexas. Porém, sempre existiram práticas, que fugiram desse controle, ou que existiram apesar dele. Histórias do corpo em risco, histórias do risco do corpo. Falar de risco do acrobata, do risco do corpo como obra de arte viva, é contar a história do corpo. É olhar para a história por meio do corpo e antes de tudo problematizar uma prática corporal, um fazer do corpo que envolve não só sentidos para quem pratica, mas também para o público expectador que consome tal espetáculo. A tarefa de quem vai contar a história de uma prática corporal, ou mesmo a história do corpo é fazer uma (dentro das muitas possíveis) reconstrução do passado e ao mesmo tempo, uma busca de corpos. “Seria então essa história uma recomposição de vestígios que permitem fabricar um corpo, fictício, portanto” e que vem a substituir a ausência do que passou, para entender o corpo que ainda está e o corpo que ainda virá. Isto gera duas questões, sugeridas por Vigarello (Entrevista com Michel de Certeau) e que também estão imbricadas neste estudo: a de um possível uso metafórico do

corpo e, sobretudo, a questão da condição desse corpo como objeto sempre construído, elaborado. Neste caso especificamente de um corpo que serve de suporte e de metáfora para o risco.

O risco, por sua vez é entendido como um perigo ou ameaça objetiva, que é inevitavelmente mediado por processos culturais, históricos e sociais e não pode ser conhecido com o isolamento dos mesmos. Mas é uma objetividade construída; um produto da construção de uma forma de governo de corpos, e de configuração da realidade.(Foucault, 1999)

Outras versões do risco se desdobram no trabalho e transformam-se no encontro do corpo e do espetáculo. O risco passa a ser entendido como estética da existência, é ele o organizador da experiência da vida contemporânea em domínios variados.

Risco como linguagem

Algumas coisas antes consideradas arriscadas, não o são mais hoje; ao mesmo tempo novos riscos surgem a cada amanhecer para o ser humano. O significado da palavra risco mudou: atualmente entrou para a esfera econômica e política, sendo enfraquecida na sua primeira relação com cálculos técnicos e probabilidades (Spink, 2002). Existem muitas versões para a origem da palavra risco. Como discutido por Spink (2000), o primeiro registro da palavra é do século XIV, em castelhano (*riesgo*), porém ainda não possuía a conotação de perigo. Os estudos etimológicos da palavra risco sugerem que ela tenha origem em *resecare* (cortar), utilizada para descrever geografias “cortantes” relacionadas às viagens marinhas, como penhascos submersos que cortavam os navios. Nesta época a navegação era de grande importância para as atividades comerciais. Também neste momento, surge o conceito de possibilidade, ou segundo Spink (Idem) a cosmovisão emergente de pensar o futuro como passível de controle. Risco passou a significar a probabilidade de um evento ocorrer ou não, combinado com a magnitude das perdas e ganhos envolvidos na ação realizada, associada, inicialmente, ao comércio marítimo e a necessidade de seguro para navios e mercadorias. O mar era desconhecido e perigoso e a probabilidade de perder cargas, pessoas (reis, rainhas) era grande e arruinadora.

Desde então o conceito risco fica impregnado de ambigüidade: entre possível e provável e entre positividade e negatividade. Essa ambigüidade possibilita entender risco relacionado aos conceitos de sorte, fortuna, azar, chance que também expressam o sentido de incerteza sobre resultados esperados.

A concepção de termos como azar e perigo serviram para a contextualizar o surgimento da teoria da probabilidade. Pascal e Fermat deram a resolução sobre como dividir as apostas quando se interrompe um jogo, que se trata do início da análise sistematizada de probabilidades.

Bernstein (1997) sugere que a probabilidade surge com um duplo significado: a raiz latina é uma combinação de *probare* (testar, provar ou aprovar) e *illis* (capacidade de ser). Para Galileu probabilidade era “quanto do que nos diziam poderíamos aprovar”. Já na concepção mais moderna de Leibniz, significava “quanta credibilidade poderíamos atribuir às evidências”. Hoje está relacionada a uma técnica matemática, que indica as frequências dos eventos passados para calcular a probabilidade de ocorrência futura.

A partir da associação da palavra risco à economia e à política no século XIX, os homens aprenderam a ter aversão ao risco, pois se supunha que deveríamos fazer as nossas escolhas de

acordo com um cálculo. Também o sentido da palavra azar influenciou a progressiva negatividade do risco, ficando esse termo associado a uma forma de disciplinariação do corpo social e, posteriormente, do corpo de cada indivíduo (Spink, 2000).

A idéia de risco originalmente era neutra: uma probabilidade de perdas e ganhos. O surgimento da teoria probabilidade no século XVII transforma-na em base de muito do pensamento científico, essencializando a natureza da evidência, do conhecimento, da autoridade e da lógica (Douglas, 1992). Cada processo e atividade tinham sua probabilidade de sucesso ou fracasso, essa idéia influenciou o pensamento no mundo moderno.

Como a política e a cultura foram fortemente influenciadas pela ciência e pela filosofia, e o pensamento destas estavam influenciadas pela probabilidade e pela idéia de risco, o conceito rapidamente migrou para esse campo, transformando risco em perigo. Este termo é aplicado em diferentes contextos que incorporam as diferentes ordens morais, unindo a riscos pessoais as conseqüências dos produtos globalizados, da ciência e da tecnologia. A linguagem dos riscos configura-se como um produto da organização da sociedade moderna, associada à aspiração do controle do futuro.

A palavra risco tornou-se um termo forense, utilizado como recurso jurídico para decisões de guerras, de invasões, de investimentos, de licenças e de outras esferas dos governos. É por esta lógica desenvolvida por Mary Douglas, que entendemos que risco hoje é entendido como qualquer ação política. Uma vez que risco significa perigo, levar em consideração os perigos envolvidos em ações políticas é bastante prudente. Antigamente risco estava associado à possibilidade de perder ou de ganhar; hoje risco está diretamente ligado à possibilidade de perder. Hoje é uma forma de olhar para o futuro e prever o que pode dar errado ou quais são os perigos que possivelmente encontraremos à frente. Risco é uma forma de negociar ou de colonizar o futuro (Beck, 1998). Eventos que ainda não aconteceram influenciam fortemente o nosso presente. Se pensarmos o tempo presente do circo, este é também fortemente influenciado pelas coisas que se podem ou não prever sobre o futuro dentro do número. Aliás, o artista, inicialmente, deseja controlar tudo e qualquer gesto futuro. Ele trabalha com a imaginação do público do que poderia acontecer se ele errasse, do que poderia suceder se ele soltasse a corda, se ele fosse mais rápido ou mais devagar. Ao assistir um acrobata no circo imaginamos de mil formas seu futuro, suas probabilidades e visualizamos assim o risco daquele corpo que não é nosso, mas que poderia ser nosso e que se faz nosso ao mostrar-nos do que é capaz.

O futuro que pode ser colonizado por meio da análise dos riscos traz consigo a idéia de perigos e ameaças a serem conhecidas e pensadas: quanto maior a ameaça, ou como essa ameaça é socialmente construída e definida, maior a mudança realizada para a prevenção no futuro daquele mal. Novamente volto ao argumento político do risco e baseio-me em Beck (1998) para dizer: quanto mais tentamos colonizar o futuro, mais ele tem surpresas a nos oferecer.

Firmam-se como termos-chaves na linguagem dos riscos os perigos, chances, ganhos, perdas e incertezas que desencadeiam o controle desses riscos como uma linguagem social formatada. Essa linguagem social tornou-se associada ao mundo financeiro, às relações entre profissionais de saúde e seus pacientes e ao mundo dos esportes de aventura, ou das profissões de perigo (ex: bombeiros). Segundo Spink (2002), desde que o risco se tornou objeto de gestão, se expressa de formas diferentes quando usadas em contextos distintos.

Ainda segundo a mesma autora, a noção discursiva de risco hoje está relacionada a duas tradições: a primeira referente a crescente necessidade de governar populações e a segunda herda a positividade da aventura (Spink, 2001).

A primeira noção deriva da necessidade de governo de populações e traz referências às *medidas coletivas* destinadas a gerenciar relações espaciais, ou a distribuição das pessoas nos espaços físicos e sociais. Também se refere ao processo de *disciplinarização*, onde o próprio corpo é alvo do controle, sendo a educação, especialmente na instituição escolar, a estratégia responsável por ensinar procedimentos corretos para os cuidados do corpo, com a higiene, que começa no movimento higienista do final do século XIX (Soares, 1994). À saúde pública cabe as estratégias de prevenção de doenças infecto-contagiosas, passando pela higiene do lar até higiene moral. Mais tarde no século XX, com o aumento da expectativa de vida e da melhoria das condições sociais, o aumento das doenças crônicas, ou dos grandes males relacionados às práticas como o fumo e o sexo sem preservativo, são definidos novos padrões de controles relacionados ao estilo de vida de cada um.

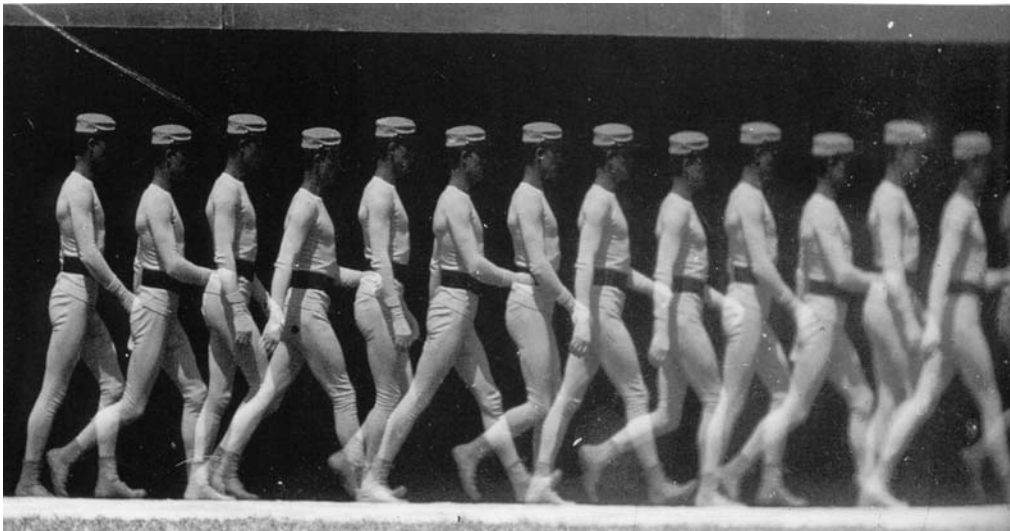


Fig. 2- Etienne-Jules Marey, *Marche de l'homme*, 1886.

Para segunda noção, referente ao risco como aventura, as práticas de risco são necessárias para obtenção de ganhos. “Correr riscos”, em todos os sentidos, aparece como forma de ser contemporânea: coragem, adrenalina, medo, movimento. A aventura passa a ser envolvida por aparelhos de segurança, equipamentos específicos e constante monitoramento. O ingresso nesse tipo de modalidade de risco mantém a tradição do fortalecimento do caráter, ou do mito do herói. Neste sentido o risco é desejado.

A noção moderna de risco traz a vontade de controle do futuro e da racionalidade humana. Essa noção, passa por dois estágios: o do cálculo estatístico e da incerteza manufaturada. Por incerteza manufaturada entende-se as formas de risco inescapáveis da vida moderna: todos estamos encarando o desconhecido e riscos suportáveis. Risco se torna outra palavra para “ninguém sabe”. Não podemos escolher mais se queremos ou não correr riscos, vivemos com eles, todos os dias. Desta forma, calcular e gerir riscos passam a ser um grande negócio e uma grande preocupação. Por outro lado, a incerteza manufaturada significa que a fonte do maior e novo risco que corremos podem nos trazer o benefício do conhecimento. Os experimentos científicos com o corpo constituem um bom exemplo de incerteza manufaturada. O corpo é o cenário onde muitos riscos podem atuar, e é de

grande preocupação do homem pós-moderno o controle de sua saúde e dos riscos de vida que males ao corpo podem causar.

A ciência, assim como a política, tomou o conceito de risco como base para seu discurso e tornou-se autoridade para falar do que é ou não seguro para nós humanos. A ciência por sua vez, apoia-se num uso de riscos para futuros muito distantes de nós, riscos que influenciarão nossos netos, nossos bisnetos. Por exemplo, a clonagem de seres-humanos, o advento da inteligência artificial. Somos obrigados a optar agora para riscos prováveis em 100, 200 anos.

A incerteza do presente nos faz desejar o futuro. As desigualdades sociais, a sujeira do planeta, a destruição da natureza, a possibilidade de guerras destruidoras, o fim da água, o esgotamento do petróleo. São forças que convivem diariamente com a subjetividade humana no século XXI e transformam seus hábitos, seus sonhos, suas formas de cultura. Mudam as ameaças, mudam os medos, mudam os riscos.

O estudo dos riscos do corpo

O estudo científico do risco adquire maior expressividade a partir da década de cinquenta e por isso formam-se conjuntos distintos de repertórios em diferentes áreas de conhecimento: o cálculo de riscos, a percepção de riscos a gestão ou gerenciamento dos riscos e a comunicação dos riscos (Spink, 2001). Cada uma dessas abordagens inclui um conjunto de técnicas que por sua vez, agrega outros repertórios. Por exemplo, o cálculo de riscos traz a quantificação de efeitos adversos, estimativa de probabilidade, magnitude das conseqüências. A percepção de riscos envolve a relação entre as pessoas e o que para elas representam ou não um risco, os comportamentos e ainda a avaliação de novas tecnologias. A gestão dos riscos engloba os seguros, a lei de responsabilização por danos, intervenção governamental direta e auto-regulação (Menegon, 2003).

O advento das novas tecnologias e o acúmulo de incertezas, complexidades e transparências do corpo levam-nos a pensar que o futuro é uma responsabilidade humana. O ser humano é o único agenciador do tempo, fundamentado por tecnologias e conhecimentos científicos.

Na área da saúde, o corpo pode ser minuciosamente transparente e translúcido, visível em sua interioridade orgânica. Novas tecnologias médicas e científicas e objetos cada vez menores (as nanotecnologias) e mais eficazes são capazes de explorar esse espaço fluído, antes cheio de segredos.

Cada vez mais o corpo se torna uma combinação de próteses, enxertos, metais e outros tantos artefatos que modificam sua estrutura químico, física e, sobretudo estética.

E por falar em estética, a ciência trabalha para a construção de corpos perfeitos, alinhados, músculo por músculo, esticados ruga por ruga e controlados quilo a quilo. A tirania do *body building* (Soares, 1998) invade nossa alimentação, nossas escolhas diárias, nosso metabolismo e até nossa sexualidade. As descobertas sobre o corpo são acompanhadas por novas dúvidas a seu respeito; nos tornamos cada vez mais alertas aos sinais emitidos pelo corpo, sensíveis a perceber seu funcionamento e as suas transformações.

Sexualidade, reprodução, doenças, emoções: nosso corpo não é mais nosso, se transformou em imagens. Essas imagens nos colocam diante da valorização do risco no esporte, no mercado financeiro, no trabalho, no espetáculo. Existe aí um crescimento da nossa necessidade de proteção, em especial da saúde e da integridade do corpo. Há um estímulo ao risco por meio da fragilização do

corpo. Mais que nunca, pensamos a realidade em termos de riscos. Vivemos a nos perguntar qual o risco de fumar, de comer carne, de praticar esse ou aquele esporte, de assistir um ou outro espetáculo. O corpo é pensado e atravessado por diferentes tecnologias. Ele tornou-se virtual, como na idéia de Piére Levy (1996), “no final das contas, as biotecnologias nos fazem considerar as espécies (principalmente a humana) num continuum biológico virtual muito mais vasto e ainda inexplorado” (Idem, op. Cit. pp.27).

A virtualização dos corpos marca uma nova etapa de relação com o corpo. Os sistemas de realidade virtual nos mostram, mais que as imagens, uma quase presença, ou uma presença inteira em muitos casos. Essa virtualização do corpo não pode nos tirar a idéia de ação do corpo. O que muda nessa nova configuração é o espaço e o tempo. O corpo virtual é um corpo desterritorializado e, por isso, é multiplicado sem limites e contornos.

O corpo abandona o chão e seus pontos de apoio, escala os fluxos e desliza nas interfaces, serve-se apenas de linhas de fuga, se vetoriza (Idem, op. Cit. pp .32).

Neste sentido, a virtualidade do corpo emprega uma potência de reinvenção com ou por causa de objetos, de forças, de mundo. Como nos diz Deleuze (2002) ao falar de Espinosa “não sabemos o que pode um corpo”. Esta declaração de ignorância chega a ser uma provocação, principalmente por se tratar do corpo virtual que podemos enxergar das mais diversas formas. Trata-se de dizer das materialidades indizíveis do corpo.

O corpo que se move, o corpo que cria, o corpo que fala. O corpo tem mil formas de mover-se de expressar-se, de amar, de tocar, de dizer. De muitas maneiras tentamos explicar essas formas que nos são dadas, mas na verdade, apenas tagarelamos sobre elas, como nos lembra Lins (2002).

O exemplo do corpo em movimento: na dança, no palco, na arte, no circo. Pensemos no corpo que dança, que preenche o espaço com sua forma. Sua materialidade nos é dada em uma determinada maneira e contexto, mas que ao mesmo tempo não pode ser determinada. O corpo em movimento na arte é um limite teórico da linguagem; ele vive entre as palavras. Ele as escreve e as destrói. O corpo que se move abstrai do espaço uma geometria polifônica, “um turbilhão de códigos, reverberação de sistemas, apagamento da marca mediante a qual a origem se diz e se consome numa impenetrabilidade do gesto” (Idem, op. Cit. pp.2002).

O risco no circo

O circo, como forma de cultura popular e como arte que vende e exhibe o risco e o limite humano, transitou entre os medos do homem ao longo da sua história. Ele traz consigo as ambigüidades da linguagem dos riscos e os processos sociais nela referenciados. Tendo o corpo como centro do espetáculo o circo organiza em sua estrutura números que retratam e deflagram a condição humana de estar simultaneamente em risco e em segurança. Isso fica claro no status que cada número circense recebeu. Como forma de opinião do público sobre a arte, ou sobre algum artista; ter status significa ter reconhecimento e prestígio. No caso do circo do século XIX isso garantiria um contrato melhor, um melhor salário e até a possibilidade de conseguir um outro contrato num circo diferente.

O status está relacionado com risco e com a gestão de riscos? Aparentemente, quanto maior o perigo ou o risco representado pelo número, mais público ele conseguia atrair. Ainda hoje o constante aperfeiçoamento para aumento do grau de dificuldade e da técnica circense se expressa como

aliança entre corpo e tecnologia, ou entre o corpo e as tecnologias do espetáculo. Ou apenas: formas de contextualização da imagem de risco no corpo do acrobata circense, pois assim como mudam os medos, mudam os riscos, mudam as formas de espetáculo. O circo em sua história traz essa característica de profunda transformação, e ao mesmo tempo de muitas permanências.

Referencias

- BECK, U.(1998) *Risk Society: Towards a New Modernity*. Cambridge, UK: PolityPress. (Risikogesellschaft. Frankfurt:Suhrkamp, 1986)
- BERNSTEIN, R.(1997) *Contra os deuses – a notável história do risco*, São Paulo: Objetiva.
- BIBLIOTHÈQUE HISTORIQUE DE LA VILLE DE PARIS(2002)*Regard Sur le Cirque*. Paris: Paris Bibliothèques ed.
- BIBLIOTHÈQUE NATIONALE DE FRANCE NOËLLE GIRET (2001). *Les Arts du cirque*. Paris: Anthèse.
- DELEUZE, G.(2002) *Espinosa: Filosofia Prática*. São Paulo: Escuta.
- DOUGLAS, M.(1992) *Risk and Blame*. London: Routledge.
- FOUCAULT, M. (1999)*Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal.
- LÉVY, P.(1996) *O que é o virtual?* São Paulo: Editora 34.
- LINS, D. Metafísica da carne: que pode um corpo. In: Lins, D. e Gadelha, S. (orgs) (2002) *Nietzsche e Deleuze: que pode o corpo*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- MENEGON, V. M.(2003) *A linguagem dos riscos na reprodução humana assistida*. Tese de Doutorado em Psicologia Social, PUC-SP.
- PAZ, O.(1988) *O Monogramático*. Rio de Janeiro: Guanabara.
- SOARES, C. (org) (1998)*Corpo e História*. Campinas: Autores Associados.
- SPINK, M. J.(2001) *Trópico dos discursos sobre riscos: risco aventura como metáfora da modernidade tardia*. Cadernos de Saúde pública.
- SPINK, M.J.(2000) Os contornos do risco na modernidade reflexiva:contribuições da psicologia social. In: *Psicologia e Sociedade*. Vol 12, no.1.
- SPINK, M. J.,& LIMA, H. Rigor e visibilidade: a explicitação dos passos da interpretação.In: SPINK, M.J.(2000) (org) *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano*. São Paulo, Cortez.
- SPINK, P. (2003) Pesquisa de campo e psicologia social: uma perspectiva pós-construcionista.In: *Psicologia e Sociedade*, 15(2): 18-42.
- VIGARELLO, G.(1998) *A história do estupro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- WEINECK, J.(1999) *O treinamento ideal*. São Paulo: Manole.

Historia editorial

Recibido: 22-09-04

Primera revisión: 07-10-04

Aceptación definitiva: 22-10-04

Formato de citación

Guzzo, M. (2004). Corpo em risco. *Athenea Digital*, 6. Disponible en <http://antalya.uab.es/athenea/num6/guzzo.pdf>



Este texto está protegido por una licencia [Creative Commons](#).

Usted es libre de copiar, distribuir, exhibir y comunicar la obra bajo las siguientes condiciones:

Reconocimiento: Vd. debe reconocer y dar crédito al autor original.

NoComercial. Vd. no puede utilizar esta obra para fines comerciales.

NoDerivados. Vd. no puede alterar, transformar, o añadir nada a esta obra.

[Resumen de licencia](#)

[Texto completo de la licencia](#)